



Páginas em branco

Às vésperas do início de mais uma Flip, principal feira literária do país, a CULT investiga por que o brasileiro lê pouco e menos do que vizinhos como a Argentina

MARÍLIA KODIC

Quem pensa que o desinteresse pelas letras é um mal do Terceiro Mundo está enganado. Neste ano, Buenos Aires foi eleita a Capital Mundial do Livro pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco). No páreo, estavam ainda outras duas cidades do continente: Caracas (Venezuela) e Havana (Cuba).

Ocupando o mesmo posto da capital portenha, já estiveram Madri, Alexandria, Nova Deli, Antuérpia, Montreal, Turim, Bogotá, Amsterdã, Beirute e Liubliana. Já o Brasil, uma das coqueluches do cenário econômico

mundial e sede da Festa Literária Internacional de Paraty – uma das maiores feiras do gênero na região – nem sequer chegou perto da lista.

O título é concedido anualmente a países com reconhecido valor em programas de incentivo à leitura. O “ano” do título tem início todo 23 de abril, que marca o Dia Mundial do Livro e do Direito de Autor. Celebrado desde 1996, assinala a morte dos escritores Miguel de Cervantes, William Shakespeare e Garcilaso de La Vega.

A CULT foi ouvir especialistas da área para entender a razão dessa relativa irrelevância do Brasil no setor e por

que nenhuma de suas cidades se tornou Capital Mundial do Livro.

No hablamos español

“Talvez seja pelo fato de o espanhol preponderar nos países da região, e supõe-se que ele tenha mais densidade literária que o português. Os hispânicos passam bem para outras línguas ocidentais, sem exigir do leitor um repertório que remeta em profundidade ao meio cultural de cada um”, opina o escritor Reinaldo Moraes, autor do recém-relançado *Pornopopeia* (Objetiva).

Já para o crítico literário e professor da Universidade de São Paulo Fábio de



Luciana Serra

Souza Andrade, a concessão do título talvez tenha duas inspirações diversas. “Pode representar o reconhecimento de um esforço bem-sucedido, dando visibilidade e estimulando a replicação de políticas públicas inventivas; e pode também ser um gesto de estímulo onde há carência, chamando atenção para o muito a fazer. Como reconhecimento de excelência, estamos longe. Como alerta, é para ontem”, diz.

Logística e distribuição

Na vizinha Argentina, cada habitante lê em média 5,8 livros por ano. No Brasil, cai para 4,7, mas, desconsiderando-se os didáticos, o índice aqui despencou para 1,3 livro/ano, segundo dados de 2008 do Instituto Pró-Livro.

Quanto ao número de livrarias, a Secretaria de Comunicação da Argentina estima em 3.200 o número delas em todo o país. Aqui, segundo pesquisa feita pela Associação Nacional

de Livrarias em 2009, existem 2.980 – embora a extensão territorial do Brasil seja três vezes maior que a da Argentina.

Karine Pansa, presidente da Câmara Brasileira do Livro, explica que o fato de a população brasileira ser maior do que a argentina (190 milhões contra 40 milhões) dificulta políticas amplas e homogêneas de estímulo à leitura com resultados imediatos. “Temos problemas de distribuição e logística em quase todos os produtos que circulam pelo país, além de sérios problemas com educação e ensino”, diz.

Em relação ao menor número de livrarias, Karine Pansa pondera que existem no Brasil outros canais consistentes de comercialização. “As vendas porta a porta, por exemplo, são fortes e tradicionais – segundo pesquisa encomendada à Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas em 2009, a participação da venda porta a porta no total do mercado nacional representa 16,64%. As vendas

nos supermercados, na internet e até em igrejas também são relevantes”, diz.

Muita publicidade

Um dos critérios da Unesco para a candidatura ao título de Capital Mundial do Livro, segundo o site da organização, é submeter um programa consistente de atividades literárias. Na Argentina, inclui desde o simples *Yo Leo en el Bar* (Eu Leio no Bar), que consiste na colocação de obras do escritor Jorge Luis Borges em famosos bares da cidade, até programas de longa duração com atividades literárias, musicais e teatrais, como o *No Hay Ciudad sin Poesia* (Não Há Cidade sem Poesia).

Contudo, Julian Gorodischer, editor-chefe do semanário cultural *Ñ*, publicador do diário argentino *Clarín*, joga um grão de sal na iniciativa. Ele descarta a importância do título para promover mudanças no calendário cultural da cidade: “Não acho que seja muito importante.



Os convidados de 2011

O homenageado da 9ª edição da Flip é o modernista Oswald de Andrade e a abertura ficará a cargo do crítico Antonio Candido. Entre os confirmados até o momento, estão os escritores brasileiros Edney Silvestre, João Ubaldo Ribeiro, José Miguel Wisnik, Luiz Felipe Pondé e Teixeira Coelho, os argentinos Póla Oloixarac e Gonzalo Aguilar, o italiano Antonio Tabucchi, os escoceses Carol Ann Duffy e David Byrne (músico), o caribenho Caryl Phillips, os franceses Claude Lanzmann e Emmanuel Carrère, o mexicano Enrique Krauze, o colombiano Héctor Abad, os norte-americanos James Ellroy e Joe Sacco (quadrinista), o inglês John Freeman e o húngaro Peter Esterházy.



Em sentido anti-horário, o cientista Miguel Nicolelis, o quadrinista Joe Sacco, o cineasta e escritor Claude Lanzmann e o editor e escritor Marcello Ferroni, convidados para participar de debates durante a 9ª edição da Festa Literária Internacional de Paraty

É uma estratégia do governo de Buenos Aires para atrair a atenção das pessoas. A cidade está igual. Acho que a determinação não muda a vida habitual da cidade. Há alguns projetos, sim, mas é mais publicidade do que uma real mudança”.

Segundo Souza Andrade, embora não haja ainda no Brasil uma política de Estado expressiva nesse sentido, há uma tática de guerrilha cultural voluntarista: “Leitores convictos e inconformados propõem, por exemplo, alimentar correntes de livros abandonados em lugares públicos. Há também a multiplicação de saraus, tertúlias e leituras compartilhadas”.

Feiras literárias

Nesse cenário pouco animador, qual é a função das feiras literárias?

“Nas cidades que as realizam, é notório como cresce o consumo

de livros em livrarias e em outros canais de comercialização imediatamente após o fim de um evento desse tipo. Trata-se de um reflexo importante”, diz Karine Pansa.

Mas Reinaldo Moraes discorda dessa tese: “Fui a uma feira do livro em Mossoró, no Rio Grande do Norte, onde havia cerca de seis pessoas na plateia. O livreiro vendeu dois livros meus, sendo um deles para o organizador da feira, gentil cidadão. Faz parte”.

No mês que vem, tem início a 9ª edição da mais importante delas, a Flip, que vai de 6 a 10 de julho e reúne uma média de 25 mil pessoas em Parati, cidade histórica do litoral fluminense. Para Cristovão Tezza, ganhador em 2008 do Prêmio Jabuti como autor do melhor romance – *O Filho Eterno* (Record) –, a Flip “é um movimento extremamente importante, com ressonância internacional,

e faz do livro um produto mais do que digno. É o único evento que realmente o leva para o horário nobre da televisão, por exemplo. Não vejo esse espaço na mídia nem nas bienais”.

O país tem outras do gênero, como a Festa Literária Internacional de Pernambuco, em Olinda; a Feira Pan-Amazônica do Livro, em Belém; o Fórum das Letras, em Ouro Preto; o Festival da Mantiqueira, em São José dos Campos; além das Feiras do Livro de Ribeirão Preto, Brasília e Porto Alegre.

Apesar da profusão de feiras, Souza Andrade adverte que o papel mais importante ainda cabe ao Estado, por meio de incentivos e da melhora das instituições de ensino. “As políticas públicas têm grande responsabilidade, mas falta uma percepção difusa e generalizada de que os livros são segunda natureza necessária, sobretudo entre as elites econômicas”, diz. ■

Irmãos de letras

Em entrevista à CULT, o curador da Flip, Manuel da Costa Pinto, e o diretor do Hay Festival Wales, Peter Florence, apresentam os principais traços de cada evento

JHENIFFER MOISÉS

Inspirada no festival galês Hay Festival Wales – em sua 24ª edição –, a Festa Literária Internacional de Paraty (Flip) marca a paisagem da cidade histórica uma vez por ano com nomes importantes da literatura mundial. O evento, que neste ano acontece entre 6 e 10 de julho, “também se inspirou em outros que acontecem em Adelaide, na Austrália, e também em países da Europa”, explica o curador, Manuel da Costa Pinto, à CULT.

O próprio diretor do Hay, Peter Florence – ao lado de Liz Calder

(presidente do conselho diretor) e do escritor Louis Baum –, ajudou a formatar a versão brasileira. Para ele, as semelhanças entre os dois eventos vão além da estrutura: “Parati é parecida com Hay em muitos aspectos. Ambos os festivais estão localizados em áreas de grande beleza natural que se oferecem para celebrações e troca de ideias”.

Criado após uma reunião informal “de um grupo de amigos que se encontra nas montanhas e celebra junto”, o festival galês, que acontece entre os dias 26 de maio e 5 de

junho, traz, neste ano, convidados como o historiador Eric Hobsbawm e o Nobel de Literatura de 2001, V. S. Naipaul.

Mais do que o evento brasileiro, o Hay aposta na diversidade. Ao expandir suas fronteiras para além da literatura, conseguiu reunir nomes importantes para discutir cinema, filosofia, história e música. Hoje globalizou-se e está presente na Espanha, Colômbia, Índia, no Quênia, Líbano, México e nas Maldivas. Em 2011, deve aportar na África do Sul. ■

Coleção Antropologia

Grandes autores e seus clássicos.

Procure na livraria mais próxima ou acesse: www.vozes.com.br